

A VITALIDADE DA FILOSOFIA, DA SOCIOLOGIA E DA PSICOLOGIA EM CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSOR

Cláudia Soares Della Fonte¹

Há pouco tempo recebi um convite para proferir uma palestra sobre o tema “A importância das disciplinas pedagógicas em cursos de formação de professor”. De início o tema proposto provocou em mim um incômodo, um desconforto. Pensei: “Ora, se se trata de cursos de formação de professores parece-me evidente a importância de disciplinas pedagógicas! Se a tarefa do professor é educar, disciplinas que tratam e abordam o processo de educar são vitais em cursos de formação de professor”.

Mas não era bem isso a causa do meu desconforto. Há tempos venho observando que tanto professores quanto alunos de cursos de licenciatura têm designado como disciplinas pedagógicas um conjunto de disciplinas que, de fato, não são pedagógicas. No rol das disciplinas “pedagógicas”, dentre as quais estão Didática, Metodologia do Ensino, Estrutura e Funcionamento do Ensino, Estágio Supervisionado, tem sido incorporadas as de Filosofia, Psicologia, Sociologia. E mais, há um senso-comum que atribui às disciplinas ditas “pedagógicas” um papel secundário nos cursos de formação de professores, como se elas fossem “menos importantes” à formação de futuros docentes.

Muitos podem considerar esse um acontecimento menor, insignificante. Porém, o fato desse menosprezo se repetir insistentemente convoca a nossa atenção. É preciso problematizar essa visão pré-conceituosa de que as disciplinas pedagógicas teriam um papel secundário em cursos de formação de professores. Ora, a questão é: qual será a atividade desses futuros profissionais? A educação escolar não será seu ofício? Não terão eles a tarefa de, no exercício da atividade docente, formar os alunos e, também, a sociedade? Portanto, não tratar de questões direta ou indiretamente relacionadas ao processo educacional escolar é minar a formação dos futuros professores, é tirar-lhes a oportunidade e a possibilidade de conhecer e analisar criticamente o processo educacional e de construir um instrumental teórico-metodológico para sedimentar sua atuação docente.

¹ Mestre em Educação; Psicóloga; Professora da Faculdade Saberes.

Mas, voltando à questão do que se considera como disciplinas pedagógicas, gostaria de fazer um reparo: Filosofia, Psicologia, Sociologia não são disciplinas pedagógicas. Nenhuma dessas disciplinas tem como objeto de estudo a educação. Mas isso não as torna menos importante em cursos de formação de professores. E é sobre a vitalidade dessas disciplinas na formação de futuros educadores que tratarei.

Importância de diferentes campos de saber no estudo da Educação

Começamos por discutir uma questão crucial: o que é educação? Desfazendo os mal entendidos que tomam a educação como uma “substância” que o sujeito possui ou não – o que fica evidenciado na proposição de que ou o sujeito é bem educado ou mal educado – educação deve ser entendida como um processo histórico-social. Como afirma Brandão (1989), educação é uma prática instituída em e por uma sociedade para formar os sujeitos requeridos por essa sociedade num dado momento de sua história.

A educação é uma prática social (como a saúde pública, a comunicação social, o serviço militar) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento. (BRANDÃO, 1989, p. 73-74)

Os sujeitos são formados na medida em que se busca assegurar, por meio de processos de ensino, a aprendizagem dos saberes, idéias, crenças próprias da cultura daquela sociedade.

Ora, o processo educacional implica, necessariamente, a sociedade e o sujeito. A sociedade engendra um conjunto de práticas para formar e constituir o sujeito por meio de processo educacional².

Sociedade e sujeito: o primeiro é objeto de estudo da sociologia, o segundo, da psicologia³. Se desejamos compreender o processo educacional não podemos

² O sujeito é constituído não apenas por práticas educativas, mas também por todo um conjunto de práticas sociais, como por exemplo, as práticas de comunicação social, as de saúde, as jurídicas etc.

³ O homem, o sujeito humano, é objeto de estudo das ciências humanas em geral, e não só da psicologia. Todavia, nesse momento, desejamos sublinhar o fato da psicologia estudar o homem.

prescindir dos conhecimentos acerca da sociedade e do sujeito. Enfim, não podemos abrir mão dos conhecimentos do campo da sociologia e da psicologia.

Conhecer a sociedade, sua forma de organização, sua dinâmica de funcionamento são essenciais, visto que a educação é uma prática social. Como mostra Brandão (1989), em mundos e sociedades diversos a educação é diferente. A educação surge como um dos processos que ajuda a criar os tipos de sujeitos humanos requeridos por uma sociedade. Mas não é só isso, a educação também participa do processo de produção de idéias, saberes, bens e poderes, que em conjunto constrói tipos de sociedade. Como prática⁴ que é a educação objetiva e subjetiva, produz o mundo e o sujeito a um só tempo. Portanto, urge conhecermos a nossa sociedade para compreendermos as práticas educacionais que ela engendra e que sujeitos que essa prática produz.

Que sociedade é essa que vivemos? Como ela está organizada? Como ela funciona? Que finalidades essa sociedade projeta para a educação? Essas são questões cruciais que o saber produzido no campo da sociologia pode nos auxiliar a responder. Para quem já teve oportunidade de ter contato com os conhecimentos da sociologia sabe que, para as questões apresentadas acima, não há apenas uma resposta possível. Há respostas diversas já produzidas dependendo de como se concebe a sociedade em que vivemos. Essas respostas expressam visões distintas de sociedade.

Pois bem, ao mesmo tempo em que os saberes no campo da sociologia podem nos auxiliar a responder algumas questões, ela também nos coloca frente a outro desafio: Que visão de sociedade adotar? Que visão “melhor” responde às questões enunciadas acima? Esse é um desafio que se impõe, e não há como recuar... Necessariamente temos que tomar posição quanto à visão de sociedade para

⁴ A prática, como afirma Veyne (1982, p. 157-158), “...não é uma instância misteriosa, um subsolo da história, um motor oculto: é o que fazem as pessoas (a palavra significa exatamente o que diz)”. Prática é, portanto, tudo o que é feito e dito em relação ao sujeito e ao objeto e que produz e faz vigorar verdades intrínsecas a esses objetos. A prática produz objetos e sujeitos, produz o mundo e os tipos de sujeitos. A prática, como afirma Foucault em suas obras, tem caráter heterogêneo, imanente, circunstancial, contingente e produtivo. Elas não são naturais e eternas, ao contrário, são passíveis de transformação. Embora muitas vezes só reconheçamos um modo de existência num determinado espaço e o consideremos “natural”, outros modos já se encontram presentes. As práticas também não são todas iguais, há práticas diferenciadas, permanentemente em luta. Logo, há diferentes produções de sujeito e de objeto que convivem e se confrontam num mesmo espaço.

podermos compreender o processo educacional e sua finalidade em nossa sociedade no momento atual de nossa história.

Outra questão que emerge quando nos propomos a compreender a prática educacional é quanto à produção de sujeitos: como o processo educacional produz os sujeitos? Que processos de subjetivação estão em curso na escola hoje? Que sujeitos a prática educacional tem produzido? Além disso, a prática educativa implica aprendizagem por parte daqueles que são a alvo do processo educacional. Mas como o sujeito aprende? Aprendizagem implica ou não em desenvolvimento do sujeito? O processo educacional implica a dimensão cognitiva do sujeito, mas as dimensões afetiva e social também estão implicadas? Como? De que maneira? Essas são algumas das questões que o campo da psicologia pode nos auxiliar a responder. E para essas questões, também a psicologia já produziu algumas respostas, sendo cada resposta expressão de uma determinada visão de homem. E assim temos outro desafio pela frente: que visão de homem adotar? Que teoria “melhor” responde às questões acima? Aqui também se trata de uma tomada de posição, e não há como dela se furtar...

Do que vimos até aqui podemos concluir que a própria educação nos coloca ante uma necessária tomada de posição. Afinal, que sujeitos desejamos formar e que sociedade desejamos construir por meio da prática educativa? Muitas vezes somos tentados a dar respostas “prontas” a essa pergunta, sem nem ao menos pensar nas suas implicações, a que interesses atendem. Somos, nós próprios, capturados por essas respostas e as reproduzimos irrefletidamente. E aí vale lembrar o alerta de Brandão (1989, p.11-12):

No entanto, pensando às vezes que age por si próprio, livre e em nome de todos, o educador imagina que serve ao saber e a quem ensina mas, na verdade, ele pode estar servindo a quem o constituiu professor, a fim de usá-lo, e ao seu trabalho, para os usos escusos que ocultam também na educação – nas suas agências, suas práticas e nas idéias que ela professa – interesses políticos impostos sobre ela e, através de seu exercício, à sociedade que habita. E esta é a sua fraqueza.

Só vislumbro uma alternativa diante de tal armadilha: não abdicarmos da nossa capacidade reflexiva. E aí reside a importância da Filosofia: temos que, assim como uma criança que está conhecendo o mundo, nos espantarmos diante das situações mais corriqueiras e cotidianas e nos indagarmos acerca delas. Se não pensamos, alguém pode estar pensando por nós! (LUCKESI, 2003).

A Filosofia seria fundamental para assegurar a promoção da reflexão. Não uma reflexão qualquer, mas uma reflexão radical, rigorosa e global sobre os problemas que a nossa realidade apresenta (SAVIANI, 2002), nesse caso, sobre os problemas que a realidade educacional apresenta.

Penso que também aqui cabe um papel importante à Filosofia, ou à disciplina de Filosofia nos cursos de formação de professor. Frente a esse processo de pasteurização imposto por diferentes mecanismos sociais, que nos cega, nos ensurdece e nos desensibiliza, essa disciplina pode ativar em nós a sensibilidade e nos fazer ver e escutar o mundo e a vida.

Também no terreno da Filosofia não podemos abrir mão de estudar os problemas educacionais vislumbrados por alguns estudiosos e as respostas por eles produzidas. Só assim teremos como sair desse estado de estupor e passar a inquirir a realidade e ir à busca de respostas.

Outras reflexões necessárias

Do que foi dito até aqui, penso ter avançado na produção de uma resposta à questão acerca da importância da Filosofia, da Sociologia e da Psicologia em cursos de formação de professor. Mas há ainda algo a ser dito. É preciso articular o que apresentamos até aqui ao que compreendemos por “professor”.

Muito tem se discutido acerca do que é ser professor, há muitas interrogações e um processo crescente de desvalorização dessa atividade. Processo de desvalorização que fica evidenciado na visão de que ser professor se resume a uma vocação, a um “amor” por ensinar. Processo de desvalorização muitas vezes levado a cabo pelos próprios professores e pelas agências formadoras de professores quando operam um rebaixamento dessa formação por um “recuo da teoria” em benefício de uma ênfase no “saber fazer” (MORAES apud DUARTE, 2003). Frente a essa situação devemos nos perguntar: a quem ou a que interessa esse tipo de professor?

A docência é, ao mesmo tempo, uma profissão, um campo próprio de intervenção profissional na prática social, quanto um campo de conhecimentos específicos configurados em quatro conjuntos:

[...]conteúdos das diversas áreas do saber e do ensino [...]; conteúdos didático-pedagógicos [...]; conteúdos relacionados a saberes pedagógicos mais amplos do campo teórico da prática educacional; conteúdos ligados à explicitação de sentido da existência humana e individual [...].(PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 166).

Os saberes do campo da Sociologia, da Filosofia e da Psicologia são, portanto, conhecimentos indispensáveis à formação de futuros professores.

Como dissemos a educação é uma prática social, e segundo Severino (apud PIMENTA; ANASTASIOU, 2002) é uma prática simultaneamente técnica, política e ética.

Técnica, quando o conhecimento é saber competente para um fazer eficiente, contextualizado e científico, sendo a qualificação técnica do aprendiz processo que se concretiza na formação profissional universitária, indo além do mero treinamento ou reciclagem e superando a busca de simples eficácia técnica e a submissão à lógica opressiva do mercado de trabalho. Política, pois tem que ver com as relações de poder que permeiam a sociedade, advindo daí a importâncias dos processos educacionais que possibilitam a construção da cidadania dos estudantes, superando o treinamento para a submissão, para a subserviência e para as diferentes formas de dominação. E ética, pois a clareza na opção de conceitos e valores tornam-se referências básicas para a intencionalidade do agir humano [...]. (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 163-164).

Se em cursos de formação de professores estamos formando profissionais para exercerem a atividade docente, as instituições formadoras têm que lhes assegurar uma formação técnica, política e ética. Nesse sentido, a Sociologia, a Psicologia e a Filosofia podem contribuir de maneira significativa para a formação de futuros professores. Todavia, consideramos vital que essas disciplinas, mas não só elas, oportunizem aos futuros educadores a possibilidade de refletir e analisar continuamente os conhecimentos produzidos em cada campo do saber. Os conhecimentos produzidos no terreno da Sociologia, da Psicologia e da Filosofia são fundamentais para o exercício da docência, mas não devem ser tomados como modelos a serem seguidos irrefletidamente. É preciso submetê-los a crítica, o que abre espaço para manter em curso o processo de construção de conhecimentos.

Deve-se prezar pela formação de um professor autônomo e crítico, capaz de enfrentar os problemas colocados pela realidade educacional de seu tempo e produzir respostas teóricas e práticas a esses problemas por meio da pesquisa. O professor deve ser, ele próprio, um pesquisador. E como sinaliza Chauí (apud PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 200)

A pesquisa, como investigação de algo, lança-nos na interrogação, pede reflexão, crítica, enfrentamento com o instituído, descoberta, invenção e criação. É um trabalho do pensamento e da linguagem para pensar e dizer o que ainda não foi pensado nem dito, uma visão compreensiva de totalidades, ação civilizatória contra a barbárie social e política, em que a reflexão, a crítica, o exame de conhecimentos instituídos possibilitam sua mudança e sua superação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DUARTE, Newton. Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor (por que Donald Schön não entendeu Luria). **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-3302003000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 Maio 2007.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo. **Docência do ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SAVIANI, D. A filosofia na formação do educador. In: _____. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 14. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 1982.